

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução
Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

A MEMÓRIA, A HISTÓRIA, O ESQUECIMENTO

Thais Helen do Nascimento Santos

O livro "**O ensaio como tese**: estética e narrativa na composição do texto científico", escrito em 2012 e editado pela WMF, tem como autor o professor Víctor Gabriel Rodríguez. Doutor em Direito Penal pela Universidade de São Paulo (USP), também é docente dela no curso de Direito. Como livre docente, produziu em 2015 a seguinte tese "Livre arbítrio e direito penal: revisão frente aos aportes da neurociência e à evolução dogmática". Em seu currículo Lattes, dentre vários projetos, orientações e publicações, destacamos as seguintes produções: "Casos práticos: laboratório de direito penal", "Casos práticos: o caso do matemático homicida", "Argumentação jurídica: técnicas de persuasão e lógica informal", "Fundamentos de direito penal brasileiro - lei penal e teoria geral do crime", "Tutela penal da intimidade", "Responsabilidade penal na lei de imprensa", entre outras. Essas produções foram elaboradas entre 2004 e 2014.

A obra em análise, a saber, "**O ensaio como tese**: estética e narrativa na composição do texto científico" propõe-se a analisar o ensaio como possível objeto-meio para a escrita científica no tocante à tese. Está organizada em três partes: "introdução", "o ensaio e a ciência" e "a universidade".

O que instigou o professor de Direito a escrever sobre a escrita da tese partiu de inquietações e de reflexões sobre a prática brasileira no que se refere às produções acadêmicas. Em particular a tese propõe em sua essência uma escrita autônoma em que o pesquisador possa posicionar-se como sujeito social e cultural. A nulidade do sujeito na escrita, assim como é feito no âmbito da ciência exata, não serve de parâmetro para a ciência humana porque o objeto de análise da segunda extrapola o quantitativismo estatístico e padronizado e a cristalização do método da primeira ciência. Nessa direção, Rodríguez sugere como possível estratégia para compreensão de uma escrita inclusiva, já utilizada na Europa e na América, o ensaio como prática da escrita acadêmica.

Contudo, uma escrita em formato de ensaio não significa fugir da leitura, mas incluí-la de modo reflexivo e coerente com a trajetória da

**Thais Helen do Nascimento
Santos**

thaisnascimento.inf@gmail.com
http://lattes.cnpq.br/9005952837
23507

Técnica em arquivo da
Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE). Mestra
pela Universidade Federal da
Paraíba (UFPB). Bacharel em
Arquivologia pela Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB).

Submetido em: 01/05/2013
Publicado em: 22/06/2013

pesquisa. Ao ensaio é inerente o caráter inventivo e criativo necessários à ciência humana e suas produções. Talvez sofra resistência no âmbito universitário brasileiro por se opor ao objetivismo puro e à tentativa de uma rigidez metodológica própria da ciência exata, que a todo custo, tentam os positivistas impor à ciência humana.

O autor se diz isento em determinar o conceito de ensaio, embora concorde que essa é uma questão inerente ao ser humano: saber "o que é" a coisa. De todo modo, ao fim do texto, Rodríguez se compromete ao afirmar que o ensaio é "uma composição textual argumentativa que permite enunciar elementos concretos e abstratos com suficiente conflito, a fim de facultar que o leitor acompanhe o processo de combinação e transformação de ideias, podendo complementá-las ou delas duvidar, por conta de seu estilo de exposição" (p. 92). Desse modo o autor acaba admitindo o fecundo campo do ensaio e diz não apontar um conceito fechado, mas uma diretriz momentânea, considerando que a verdade é algo provisória. O fato é que o ensaio precisa de embate e de uma dúvida sincera em busca de uma resposta, respeitando o estilo de cada autor e evitando o excesso de termos de vocabulário técnico e a imposição da reprodução dos métodos de pesquisa. O ato de inserir o humano de toda forma no mundo científico exato pode levar o pesquisador a trancar-se num "luxuoso cárcere de grades de ouro" (RODRÍGUEZ, p. 17). Sem dúvida, um dos problemas que envolvem o produtivismo incessante na academia é a possibilidade de fraude, reproduzindo de toda forma qualquer coisa.

Baseando-se em seu trabalho na corte do Supremo Tribunal Federal, Rodríguez sentiu a dificuldade de relacionar os rígidos textos acadêmicos, que estabelecem a reprodução do outro, às exigências de sua experiência laboral: refletir sobre as jurisprudências, as sentenças judiciais, os pareceres, os processos, produzindo escrita fundamentada na capacidade de raciocinar criativamente. A teoria científica não capta ou compreende a totalidade dos problemas do humano; desvirtuando-se para o que Rodríguez (p. 25) nominou de "acúmulo de informações". Para a escrita de tese, é preciso evocar no seu processo elaboração a perspectiva da trajetória do pesquisador em relação ao seu objeto, trazendo o humano a refletir sobre os seus problemas reais e práticos. Acrescenta-se o fato da possibilidade de usar a primeira pessoa do singular, uma linguagem ilustrativa com ampla permissibilidade quanto à liberdade de pensamento e, sobretudo, fugir das amarras da ordem racional nominada de método.

É pertinente reforçar que Rodríguez atenta para que não se confunda o ensaio como senso comum. O ensaio configura-se como um exercício de livre escrita com estruturação de narrativa flexível e humanizada.

Na segunda parte do livro, a saber, "o ensaio e a ciência", Rodríguez reforça que a escrita da tese é um processo criativo, inventivo e de recriação de um tema, tendo o pesquisador o entendimento que é inerente ao campo da ciência humana: a humildade de clarificar que a

sua "verdade" é transitória. Essa "verdade" é subjetiva, pois se ancora em um raciocínio individualizado. Contrário ao dogmatismo da ciência exata, a escrita de um ensaio destoa dessa perspectiva por se enquadrar como uma proposta subjetiva, pois o autor expressa as suas impressões e reinterpretações. O ensaio, nessa lógica, emerge como uma forma livre de escrita, que visa a colocar-se como um exercício de compreender a realidade por meio de uma curiosidade reflexiva, argumentativa, fundamentada e científica. Sugere que a observação aguçada da realidade é um exercício imprescindível no processo de descrição do tema em sua riqueza de detalhes, posicionando-se politicamente e ideologicamente.

Rodríguez é contundente quando afirma que a estrutura universitária frustra e desmotiva a escrita criativa, impondo a quantidade de produção e a sua repetição, o uso impertinente de citações, extraídas do meio de um livro, caídas de "paraquedas" no texto. Em consequência, outra crítica atribuída à tese no formato atual é o caráter meramente formal da lista quase interminável de referências.

Qual é o "limite entre liberdade narrativa e ficção", questiona Rodríguez (p. 64). Essa distinção repousa no fato de o autor assumir que os eventos narrados foram percebidos, vividos, experienciados, descritos, praticados, observados ou sentidos com base em sua realidade e expressos no texto. A defesa de purismo científico inexistente, pois o posicionamento e escolhas metodológicas direcionam e identificam o modo como o autor problematiza e interpreta o tema de estudo. Desse modo, a escrita da tese deve deixar clara a escola de pensamento à qual está vinculado o autor, contudo, sem se esconder nos excessos de termos técnicos, representando uma realidade tão complexa que se torna inalcançável e incompreensível. Quer dizer, o uso de vocabulário hermeticamente fechado e artificial da área de exatas destoa da escrita da ciência humana, que se vale da linguagem natural para refletir as suas tensões, mesmo considerando certa "precisão técnico-conceitual" (RODRÍGUEZ, p. 89). Isso é algo estranho, afinal, se escreve para que o leitor tenha acesso e compreenda o texto.

O texto narrativo é representativo e o texto dissertativo (tese científica) é interpretativo, baseando-se na realidade a partir de um tema. A questão é que a tese possui um *status* social em função do seu caráter de "verdade". Na narrativa, não há como impedir sentimentos, interpretações, vazios, silêncios e interações, então, quando o pesquisador escolhe o tema, está criando um conflito, recheado de subconflitos (variáveis) também inventados e cercada de configurações intertextuais. Rodríguez atenta para o fato de que a progressão dos conflitos com repetições e inutilidades textuais mascara e interrompe os pontos centrais e relevantes com reproduções conceituais desconexas e uma cansativa reescrita.

Outro aspecto de uma tese é a sua originalidade que se caracteriza pela coerência do pensamento num processo de crítica necessário antes de

sua exposição em público. A tese precisa ser revisada, "cortada", suprimida, minimizada nos excessos de citações, e isso não significa que a tese perca a sua originalidade. Aliado a isso, o aspecto inconclusivo do ensaio é característica salutar para escrita e compreensão da tese, ou seja, ter a humildade de perceber que a verdade proposta dada ao problema é transitória.

Não é de qualquer modo que o cientista se apropria da realidade e isso se dá por meio do método, que diz respeito ao modo como o pesquisador analisa o problema. No caso da ciência humana, o método é sempre intuitivo (RODRÍGUEZ, p. 91-92). Assim, o uso do ensaio ajusta-se a tese pela origem intuitiva da ciência humana, mostrando a sua significação social, pois existe um sujeito-pesquisador, suas perspectivas, experiências e lembranças, compartilhadas para um dado conjunto de leitores.

Defendendo que a ciência humana é arte literária, Rodríguez critica textos que orientam a escrita da tese como se houvesse uma fórmula pronta. Contudo, não nega a necessidade de seguir os parâmetros acadêmicos como metodologia e leitura científica que permeia um texto universitário. Assim, é iniciada a última parte do livro intitulada "a universidade". Reforça o discurso que o excesso, a cobrança institucionalizada e a ortodoxia da literatura referenciada e citada e a desnecessária retórica escondem o autor da tese. Decorrendo disso, defende o ensaio como narrativa singular que além de incluir, sugestiona o autor na construção de texto criativo.

É preciso produzir, mas com qualidade! É necessária a avaliação da produção científica, mas é fato que o atual modelo baseado em apenas critérios quantitativos e na frenética busca pelo ranking estatístico, produz esquecimento quanto a sua perspectiva social e permitindo-nos questionar: qual é o papel da ciência? É necessário rememorar o quão é oneroso manter a universidade e suas pesquisas e, por isso, é fundamental o seu retorno à sociedade. A hostilidade acadêmica em aceitar o ensaio como escrita de tese é alheia à produção de consumo do mercado universitário e de uma indústria do conhecimento.

O debate proposto nesse livro não é criticar a universidade, mas de ampliar a compreensão da escrita doutoral, que precisa incorporar três elementos distintos: (1) aferição de conhecimento, (2) proposição científica e (3) exposição sincera quanto às limitações e finitude do autor e das suas condições de produção. Trata-se de um exercício de leitura e de reflexão acerca da realidade que visa a possibilitar "ao leitor o mesmo processo cognitivo" (RODRÍGUEZ, p. 106).

É preciso humanizar a ciência humana, começando por sua escrita, perpassando um raciocínio na esfera filosófica e na capacidade de clarificar suas próprias limitações. O método é crucial nessa perspectiva, pois proporciona expressar as escolhas do autor com o seu tema e as relações oriundas. Não trata de desprezar ciência atual, mas, ao contrário, ser humilde e reconhecer que a metodologia usada

não consegue abarcar a "complexidade das relações humanas" (RODRÍGUEZ, p. 126). Se o ponto de partida é o humano, por ele se deve iniciar e para ele deve retornar.

Inevitavelmente, Rodríguez escreveu sobre o ensaio e usou desse gênero para produzir sua obra. O texto é instigante e desafiador, pois propõe uma revisão na escrita das teses. Podemos dizer que em sua propositura vai além de uma questão estética, mas de posicionamento da ciência humana frente aos problemas sociais, perpassando questões de ordem ética. Muitos pagam seus impostos para poucos terem acesso à universidade. A obra nos sensibiliza a revisar o que e para quem produzimos e, sobretudo, pensar em critérios de avaliação que envolvam elementos qualitativos, de retorno social. Desse modo, o ensaio como tese pode ser percebido como narrativa impactante e inclusiva socialmente, aproximando leitor à produção do outro e, definitivamente, tornar a tese acessível, deixando de alimentar cinzentos traças e fungos nas repletas prateleiras de bibliotecas. Escrever uma tese em forma de ensaio expressa e revela um sujeito que reflete, possui opinião, está inserido numa cultura e se posiciona frente às dificuldades, aos anseios e às perspectivas emergentes na esfera humana.

Sem dúvida, a obra é recomendada a qualquer discente de pós-graduação e professores de ciência humana no sentido de encorajar em direção a uma perspectiva diferenciada. Mais do que mudar um estilo de escrita, é uma transformação no modo de pensar em si, no outro, na ciência e na sociedade.